

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
***CAMPUS* CERRO LARGO**
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

GABRIELA BIESEK AVILA

MULHERES EMPREENDEDORAS E A PERMANÊNCIA NA ECONOMIA INFORMAL: UM ESTUDO EM GUARANI DAS MISSÕES - RS

CERRO LARGO
2025

GABRIELA BIESEK AVILA

MULHERES EMPREENDEDORAS E A PERMANÊNCIA NA ECONOMIA INFORMAL: UM ESTUDO EM GUARANI DAS MISSÕES - RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao o Curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Me. Fabricio Costa de Oliveira

CERRO LARGO

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Avila, Gabriela Biesek
MULHERES EMPREENDEDORAS E A PERMANÊNCIA NA ECONOMIA INFORMAL: UM ESTUDO EM GUARANI DAS MISSÕES - RS / Gabriela Biesek Avila. -- 2025.
49 f.

Orientador: Me. Fabricio Costa de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Bacharelado em Administração, Cerro Largo,RS, 2025.

1. Empreendedorismo feminino. I. Oliveira, Fabricio Costa de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELA BIESEK AVILA

MULHERES EMPREENDEDORAS E A PERMANÊNCIA NA ECONOMIA INFORMAL: UM ESTUDO EM GUARANI DAS MISSÕES - RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Bacharel em administração. (Verificar texto no Quadro 3 do Manual de Trabalhos Acadêmicos, disponível no link: https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/graduacao/bibliotecas/normalizacao-de-trabalhos).

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 26/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fabricio Costa de Oliveira – UFFS
Orientador

Prof.ª Dr.ª Louise de Lira Roedel Botelho - UFFS
Avaliadora

Prof.ª Dr.ª Luana Inês Damke – UFFS
Avaliadora

RESUMO

O empreendedorismo consolidou-se como uma importante alternativa de geração de renda e inclusão social, especialmente no Brasil, onde a economia informal representa uma parcela significativa da atividade produtiva e conta com crescente participação feminina. Essas mulheres, motivadas pela busca de autonomia econômica, enfrentaram diversos desafios, como a ausência de garantias trabalhistas, a dificuldade de acesso ao crédito, a sobrecarga com os cuidados familiares e a discriminação de gênero. Apesar dessas dificuldades, muitas permanecem na informalidade, o que evidenciou a necessidade de compreender os fatores que sustentam essa permanência. Diante disso, estabeleceu-se a seguinte pergunta de pesquisa: Quais são os motivos que levam mulheres de Guarani das Missões – RS a empreender na economia informal e os fatores que influenciam sua permanência? O objetivo geral do estudo foi verificar os fatores que influenciam a permanência de mulheres empreendedoras na economia informal, identificando os desafios e motivações que contribuem para essa condição. Como objetivos específicos, buscou-se: a) identificar os motivos que levaram as mulheres de Guarani das Missões – RS a iniciarem um empreendimento informal; b) investigar os principais desafios enfrentados por mulheres empreendedoras informais do município; c) compreender as motivações que as levaram a permanecer na informalidade; d) analisar as formas de organização e as estratégias utilizadas por essas empreendedoras para manter seus negócios. O estudo teve natureza qualitativa, e os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Para a análise, utilizou-se o método de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016). A pesquisa possibilitou compreender fatores como a falta de infraestrutura de apoio, o desconhecimento dos processos de formalização, a falta de interesse ou de tempo para regularizar o negócio. A partir dos resultados obtidos, tornou-se possível ampliar a compreensão sobre o trabalho por conta própria e sobre as políticas públicas voltadas ao apoio e à formalização de mulheres empreendedoras. Com base nos achados, novas áreas de investigação podem ser exploradas, como os impactos decorrentes da formalização e as mudanças e melhorias que esse processo pode proporcionar.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino, economia informal, mulheres empreendedoras, permanência na informalidade.

ABSTRACT

Entrepreneurship has become an important alternative for income generation and social inclusion, especially in Brazil, where the informal economy represents a significant portion of productive activity and has a growing female participation. These women, motivated by the pursuit of economic autonomy, have faced several challenges, such as the absence of labor guarantees, difficulty accessing credit, the burden of family care, and gender discrimination. Despite these difficulties, many remain in the informal sector, highlighting the need to understand the factors that sustain this permanence. Therefore, the following research question was established: What are the reasons that lead women from Guarani das Missões – RS to become entrepreneurs in the informal economy, and what factors influence their permanence? The general objective of the study was to verify the factors that influence the permanence of women entrepreneurs in the informal economy, identifying the challenges and motivations that contribute to this condition. Specific objectives included: a) identifying the reasons that led women from Guarani das Missões – RS to start an informal business; b) to investigate the main challenges faced by informal women entrepreneurs in the municipality; c) to understand the motivations that led them to remain in the informal sector; d) to analyze the forms of organization and strategies used by these entrepreneurs to maintain their businesses. The study was qualitative in nature, and the data were collected through semi-structured interviews. For the analysis, the content analysis method was used, according to Bardin (2016). The research made it possible to understand factors such as the lack of support infrastructure, the lack of knowledge of formalization processes, and the lack of interest or time to regularize the business. From the results obtained, it became possible to broaden the understanding of self-employment and public policies aimed at supporting and formalizing women entrepreneurs. Based on the findings, new areas of investigation can be explored, such as the impacts resulting from formalization and the changes and improvements that this process can provide.

Keywords: female entrepreneurship, informal economy, women entrepreneurs, remaining in the informal sector.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das empreendedoras……..24
Quadro 2 - Perfil da empreendedora formal…….25
Quadro 3 - Motivações para empreender……..27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 6
1.1 TEMA E PROBLEMA..... 6
1.2 OBJETIVOS..... 7
1.2.1 Objetivo geral..... 7
1.2.2 Objetivos específicos..... 7
1.3JUSTIFICATIVA..... 8
2 REFERENCIAL TEÓRICO..... 9
2.1 EMPREENDEDORISMO..... 9
2.1.1 Empreendedorismo Formal e Informal..... 10
2.1.2 Empreendedorismo por Oportunidade e por Necessidade..... 10
2.1.3 Características do Empreendedor..... 11
2.2 EMPREENDEDORISMO INFORMAL..... 12
2.2.1 Definição e Contexto Histórico..... 13
2.2.2 Causas..... 14
2.3 EMPREENDEDORISMO FEMININO..... 15
2.3.1 Desafios do empreendedorismo feminino..... 16
2.4 EMPREENDEDORISMO FEMININO NA INFORMALIDADE..... 18
3 METODOLOGIA..... 19
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA..... 19
3.2 DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO-ALVO DO ESTUDO..... 20
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS..... 20
3.3.1 Respondentes da pesquisa..... 21
3.3.2 Realização das entrevistas individuais..... 21
3.3.3 Limitações da pesquisa..... 22
3.4 ÉTICA NA PESQUISA..... 23
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... 23
4.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA..... 24
4.2 MOTIVAÇÕES PARA EMPREENDER..... 26
4.3 CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICADO DO EMPREENDEDORISMO..... 29
4.4 DIFICULDADES E DESAFIOS..... 30
4.5 PERMANÊNCIA NA INFORMALIDADE..... 32
4.5.1 Vantagens e desvantagens da informalidade..... 33
4.5.2 Motivos da permanência na informalidade..... 34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 35
APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista..... 45
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 47

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem se consolidado como uma alternativa importante de geração de renda e inclusão social em diversos contextos. No Brasil, a economia informal representa uma parcela significativa da atividade produtiva, sendo caracterizada por iniciativas de sobrevivência que, muitas vezes, se constituem em resposta à escassez de oportunidades formais de emprego. Nesse cenário, observa-se uma crescente participação feminina, impulsionada, entre outros fatores, pela busca de autonomia econômica (Sebrae,2023).

As mulheres que empreendem na informalidade enfrentam diversos desafios estruturais e sociais. A ausência de garantias trabalhistas, a dificuldade de acesso a crédito, a sobrecarga de tarefas relacionadas ao cuidado familiar e a discriminação de gênero são apenas alguns dos obstáculos que marcam suas trajetórias. Apesar disso, muitas dessas mulheres permanecem por longos períodos no setor informal, o que levanta questões importantes sobre os fatores que contribuem para essa permanência e sobre as competências empreendedoras desenvolvidas nesse contexto adverso (Pereira et al., 2021; Lopes & Souza, 2020).

Estudar os fatores que contribuem para a permanência das mulheres na economia informal é essencial para compreender as dinâmicas que limitam a mobilidade dessas empreendedoras para o mercado formal e para promover políticas públicas mais inclusivas e eficazes. Além disso, compreender esses fatores permite valorizar as estratégias de resistência, adaptação e competência empreendedora desenvolvidas por essas mulheres em condições adversas (Silva & Lima, 2022; Mendes, 2023).

Embora existam pesquisas sobre o perfil e os desafios das empreendedoras informais, ainda são escassos os estudos que analisam em profundidade os motivos pelos quais essas mulheres permanecem na informalidade, mesmo diante das dificuldades e da precariedade estrutural (Oliveira & Martins, 2020).

1.1 TEMA E PROBLEMA

A economia informal no Brasil tem se consolidado como um espaço relevante de atuação para mulheres que, diante da escassez de oportunidades no mercado formal, veem no empreendedorismo uma alternativa para geração de renda e sustento familiar. No entanto, a permanência neste setor é permeada por desafios como a instabilidade financeira, a ausência de políticas públicas de apoio e a sobrecarga gerada pela conciliação entre trabalho e responsabilidades domésticas. Ainda assim, muitas mulheres optam por seguir empreendendo

na informalidade, impulsionadas por motivações pessoais, pela busca de autonomia ou por limitações estruturais que restringem seu acesso ao emprego formal. Compreender essas motivações e os fatores que sustentam essa permanência é essencial para o desenvolvimento de políticas que promovam melhores condições de trabalho e inclusão econômica. De acordo com o SEBRAE (2022), o empreendedorismo feminino, especialmente no setor informal, é fortemente impulsionado pela necessidade e revela um cenário de vulnerabilidade, mas também de resistência e protagonismo das mulheres diante das adversidades.

Dessa forma, o presente estudo possui como tema de pesquisa a permanência de mulheres empreendedoras na economia informal. A partir disso, busca-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: Quais são os motivos que levam mulheres de Guarani das Missões - RS a empreender na economia informal e os fatores que influenciam sua permanência?

1.2 OBJETIVOS

Nesta seção será apresentado o objetivo geral, bem como os objetivos específicos, os quais respondem ao problema de pesquisa do presente estudo sobre a permanência de mulheres empreendedoras na economia informal.

1.2.1 Objetivo geral

Verificar os fatores que influenciam a permanência de mulheres empreendedoras na economia informal, identificando os desafios e motivações que contribuem para essa permanência.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar os motivos que levam as mulheres de Guarani das Missões – RS a começarem um empreendimento informal.
- Investigar os principais desafios enfrentados por mulheres empreendedoras informais de Guarani das Missões – RS.
- Compreender as motivações que levam essas mulheres a permanecer na informalidade no contexto de Guarani das Missões – RS.

- Analisar as formas de organização e estratégias utilizadas pelas mulheres empreendedoras informais para manter seus negócios no município de Guarani das Missões – RS.

1.3 JUSTIFICATIVA

A economia informal no Brasil representa uma parcela significativa da atividade econômica, sendo responsável por absorver grande parte da força de trabalho excluída do mercado formal. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, aproximadamente 39,4 milhões de pessoas atuam na informalidade, o que representa 39,2% da população ocupada. Esses números evidenciam a relevância da temática para a compreensão das dinâmicas sociais e econômicas do país.

No contexto da informalidade, destaca-se a atuação de inúmeras mulheres que, diante de barreiras estruturais, encontram nesse setor uma alternativa para geração de renda e subsistência. Embora esse espaço proporcione certa autonomia e flexibilidade, ele também expõe essas trabalhadoras à ausência de direitos trabalhistas e à insegurança social, aprofundando desigualdades históricas de gênero. Estudos apontam que a informalidade no trabalho feminino está associada a uma maior vulnerabilidade socioeconômica, especialmente entre mulheres negras e de baixa escolaridade, que enfrentam obstáculos adicionais para acessar empregos formais e protegidos (Ministério das Mulheres, 2024; Gênero e Número, 2023).

A escolha deste tema se fundamenta na necessidade de compreender a vivência de mulheres que empreendem na informalidade. Ao investigar essa realidade, busca-se dar visibilidade a um grupo significativo de trabalhadores que, apesar de sua contribuição econômica, não aparecem nas estatísticas convencionais do mercado de trabalho como profissionais plenamente inseridos. Como afirma Hirata et al. (2003), é necessário reconhecer o trabalho informal feminino como parte integrante da dinâmica econômica, superando a lógica que associa valor apenas ao trabalho formalizado e assalariado.

Silvia Federici (2017) também contribui para essa reflexão ao evidenciar como o trabalho das mulheres, sobretudo o reprodutivo e não remunerado, sustenta a base da economia capitalista sem o devido reconhecimento. No contexto da informalidade, esse apagamento se amplia, pois as práticas produtivas e de cuidado se entrelaçam de maneira invisível ao olhar do Estado e do mercado.

Nesse mesmo sentido, Heidrich (2009) aponta que o empreendedorismo feminino na informalidade revela trajetórias marcadas por resistência, criatividade e estratégias de sobrevivência diante das desigualdades de gênero, classe e acesso a recursos. Reconhecer essas experiências é essencial para a formulação de políticas públicas mais inclusivas, sensíveis às especificidades dessas mulheres e capazes de promover sua autonomia.

Por fim, a relevância acadêmica desta pesquisa está em ampliar o conhecimento sobre o universo do empreendedorismo feminino na informalidade, oferecendo subsídios teóricos e práticos que favoreçam o desenvolvimento de ações mais justas, inclusivas e sensíveis à realidade dessas mulheres. Trata-se de uma contribuição que valoriza experiências até então invisibilizadas – como as analisadas por Marques et al. (2018) no contexto da conciliação entre trabalho e família –, identificando também as motivações e desafios comuns a esse universo, conforme Lima et al. (2024) e Silva (2022).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é resultado da revisão sobre determinado tema de pesquisa, compõe-se da evolução do tema e ideias de diferentes autores sobre o assunto.

2.1 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo, ao longo dos anos, tem sido objeto de diversos estudos e interpretações, que buscam compreender seu papel na transformação econômica e social. A partir da perspectiva de Schumpeter (1982), o empreendedor é considerado o agente responsável pelo desenvolvimento econômico, uma vez que rompe com padrões existentes, introduz inovações e gera dinamismo nos mercados. Para esse autor, o ato de empreender está intrinsecamente ligado ao conceito de destruição criativa, no qual as inovações substituem processos, produtos e modelos já estabelecidos, impulsionando o crescimento econômico.

Complementando essa visão, Drucker (2001) defende que o empreendedorismo não se limita à criação de negócios, mas representa, sobretudo, a capacidade de identificar oportunidades e transformá-las em soluções que gerem valor, seja econômico, social ou ambiental. Para o autor, empreender é um processo que envolve inovação, proatividade e disposição para assumir riscos, sendo um fenômeno presente em diferentes contextos, desde organizações privadas até o setor público e social.

De acordo com Dornelas (2008), empreender envolve, inicialmente, a criação de algo inovador e com valor, além da dedicação contínua de tempo e esforço para o crescimento do empreendimento. Esse processo exige coragem para assumir riscos calculados e tomar decisões importantes, mesmo diante de possíveis erros. Trata-se, ainda, da articulação entre pessoas, recursos e processos que possibilitam a transformação de ideias em oportunidades, resultando, quando bem implementadas, em empreendimentos bem-sucedidos.

2.1.1 Empreendedorismo Formal e Informal

O empreendedorismo pode ser classificado em formal e informal, considerando as condições legais em que os empreendedores desenvolvem suas atividades. O empreendedorismo formal está vinculado às normas, regulamentações e exigências legais, como o registro da empresa, pagamento de tributos e acesso a benefícios previdenciários e linhas de crédito. Esse modelo proporciona maior segurança jurídica e acesso a políticas públicas de apoio ao desenvolvimento dos negócios, além de contribuir diretamente para a economia formal do país. (SEBRAE, 2023; IBGE, 2022)

Por outro lado, o empreendedorismo informal é caracterizado pela ausência de registro formal do negócio, sem cumprimento das exigências fiscais, trabalhistas e previdenciárias. Essa modalidade é bastante presente em contextos de vulnerabilidade social, onde indivíduos, muitas vezes, não encontram oportunidades no mercado de trabalho formal e, consequentemente, recorrem ao trabalho por conta própria como alternativa de geração de renda. Esse tipo de empreendedor enfrenta desafios como a falta de acesso a crédito, capacitação, assistência técnica e insegurança jurídica, o que limita as possibilidades de crescimento do empreendimento (GEM, 2023; SEBRAE, 2023; IBGE, 2022).

2.1.2 Empreendedorismo por Oportunidade e por Necessidade

A distinção entre empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade baseia-se nas motivações que levam o indivíduo a iniciar um negócio. O empreendedor por oportunidade age de forma planejada e estratégica, buscando explorar nichos de mercado, implementar inovações ou responder a demandas específicas com criatividade e visão de futuro (GEM, 2023).

Em contrapartida, o empreendedor por necessidade vê no empreendedorismo uma alternativa diante da falta de emprego formal ou da insuficiência de renda, sendo, muitas vezes, impulsionado por condições adversas e pela urgência da sobrevivência. Essa tipologia

é amplamente adotada por estudos como o do Global Entrepreneurship Monitor – GEM (Bosma et al., 2020), que destaca como fatores econômicos e sociais influenciam diretamente o perfil e a motivação dos empreendedores em diferentes países.

2.1.3 Características do Empreendedor

A orientação para o planejamento e a tomada de decisão fundamentada em análise de dados é uma característica fundamental do empreendedor. Desde os estudos iniciais, como os de McClelland (1961), entende-se que o sucesso no empreendedorismo depende da capacidade de definir metas claras, elaborar planos de ação e avaliar continuamente o desempenho do negócio. Esse perfil analítico permite que o empreendedor minimize riscos e utilize recursos de forma eficiente, assegurando maior controle sobre a incerteza e o ambiente de negócios.

A capacidade de liderança e o domínio das relações interpessoais são outras características essenciais para o empreendedor. Conforme destacado por Timmons e Spinelli (2009), o empreendedor eficaz deve possuir habilidades comunicativas e emocionais para gerir equipes, motivar colaboradores e construir redes de relacionamento estratégicas. Essas competências fortalecem a mobilização de recursos humanos e financeiros, favorecendo a inovação e a adaptação constante do negócio no mercado competitivo.

A resiliência também é uma característica que define o perfil do empreendedor, sendo essencial para superar desafios e persistir frente a fracassos. Hisrich, Peters e Shepherd (2017) destacam que essa habilidade permite que o empreendedor mantenha a motivação e ajuste suas estratégias diante das adversidades, garantindo a continuidade e o crescimento do negócio mesmo em cenários desfavoráveis. A resiliência é vista, portanto, como um diferencial competitivo que contribui para a longevidade das iniciativas empreendedoras.

Por fim, a visão estratégica e a capacidade de inovar configuram características centrais do empreendedor contemporâneo. Dornelas (2018) enfatiza que o empreendedor se destaca por sua proatividade e pela busca constante por soluções inovadoras, que agregam valor e diferenciam o negócio no mercado. Essa postura dinâmica e criativa possibilita a identificação e a exploração de oportunidades, características indispensáveis para a competitividade e o sucesso empresarial.

2.2 EMPREENDEDORISMO INFORMAL

As diversas transformações sofridas pelo mundo do trabalho criaram um ambiente instável e incerto, em que o indivíduo precisa ser flexível, polivalente, responsável pelo seu próprio sustento e sobrevivência, tendo seus direitos cada vez mais reduzidos e tratados como privilégios. Nesse cenário, um número reduzido de trabalhadores altamente qualificados ainda consegue alguma estabilidade, enquanto a maioria enfrenta precarização e se submete a atividades informais e, muitas vezes, tensionadas com a legislação. É nesse contexto de flexibilização, desmobilização e redução de direitos que cresce o número de trabalhadores informais no Brasil, entre eles os chamados empreendedores por necessidade. De acordo com Falcão (2008) e Harvey (2005), essa expansão é sustentada por um discurso que vende a ideia de liberdade, autonomia e sucesso individual, mas que, na prática, transfere para o indivíduo a responsabilidade de sua própria sobrevivência em um mercado desregulamentado e competitivo.

Nesse cenário, o empreendedor informal desenvolve características fundamentais para sua sobrevivência econômica. A adaptabilidade, a resiliência e a criatividade tornam-se elementos indispensáveis para enfrentar um ambiente sem garantias formais, sem estabilidade e com alta exposição às oscilações do mercado. Como explica Tavares (2002), esse fenômeno está diretamente relacionado ao processo de reestruturação produtiva, à financeirização da economia e ao desemprego estrutural, que empurra milhares de trabalhadores para a informalidade. A informalidade, portanto, deixa de ser uma escolha e se consolida como uma estratégia de sobrevivência frente às limitações do mercado de trabalho formal.

O ambiente empreendedor no Brasil enfrenta diversos desafios estruturais que dificultam a criação e a manutenção de negócios. Entre esses obstáculos estão a alta complexidade tributária e as dificuldades relacionadas à legislação trabalhista, que contribuem para que o país seja reconhecido internacionalmente como pouco favorável aos empreendedores. Segundo dados do Banco Mundial, o Brasil ocupa a 50ª posição em um ranking de 80 países quanto à densidade de empresas formais por mil habitantes, evidenciando as barreiras institucionais que desestimulam a formalização e o crescimento empresarial (NIQUITO et al., 2023).

Outro aspecto central no empreendedorismo informal é o fortalecimento das redes de apoio comunitário. Essas redes, muitas vezes formadas por parentes, vizinhos, amigos ou outros empreendedores da região, desempenham papel estratégico para garantir o acesso a clientes, fornecedores, informações e até apoio financeiro, quando necessário. Segundo

Ribeiro (2020), essas conexões sociais são fundamentais para mitigar os riscos e os desafios cotidianos da informalidade, funcionando como uma espécie de rede de proteção social informal, que compensa, em parte, a ausência do suporte estatal.

Por fim, é importante destacar que, apesar do discurso neoliberal associar o empreendedorismo à liberdade e à autonomia, a realidade do empreendedor informal é muito mais marcada pela necessidade do que pela oportunidade. Esse modelo de empreendedorismo, frequentemente romantizado, mascara uma realidade de exploração, instabilidade e insegurança. Como bem analisa Carcanholo (1998), essa suposta liberdade oferecida pelo mercado não se aplica igualmente a todos, sendo plena apenas para aqueles que detêm capital e recursos, enquanto, para a maioria, representa uma falsa sensação de escolha dentro de um sistema que restringe suas possibilidades de ascensão social e econômica.

2.2.1 Definição e Contexto Histórico

O empreendedorismo informal é caracterizado pela atuação de indivíduos no mercado sem o devido registro formal e sem o cumprimento das obrigações legais, como pagamento de impostos, contribuições previdenciárias e formalização de vínculos empregatícios. Essa modalidade de empreendedorismo surge como uma alternativa para aqueles que encontram dificuldades em acessar o mercado formal, seja por falta de qualificação, capital inicial, excesso de burocracia ou barreiras institucionais. Trata-se, portanto, de uma estratégia de sobrevivência utilizada por parte significativa da população, principalmente em países em desenvolvimento (Schumpeter, 1982).

Drucker (1999) complementa essa visão ao apontar que a informalidade no empreendedorismo decorre, em grande parte, das falhas estruturais do mercado e da rigidez burocrática, que acabam por excluir diversos indivíduos do acesso ao sistema econômico regulado. Para muitos, empreender na informalidade não é uma opção, mas sim uma necessidade imposta pela falta de oportunidades formais de trabalho, especialmente em contextos de crise econômica, instabilidade e desigualdade social.

Nesse sentido, conforme destacam Hisrich e Peters (2002), o empreendedorismo informal se intensificou a partir das décadas de 1980 e 1990, quando o desemprego estrutural e o aumento das desigualdades sociais, sobretudo na América Latina, empurraram milhões de pessoas para atividades informais como meio de garantir sua subsistência. Esse movimento foi acompanhado por um expressivo crescimento da participação feminina no setor informal, uma vez que muitas mulheres encontraram nessa modalidade uma forma de conciliar trabalho,

geração de renda e responsabilidades domésticas. Embora frequentemente invisíveis nas estatísticas oficiais, esses empreendedores desempenham um papel essencial na economia, gerando trabalho e renda, mas enfrentando limitações severas, como dificuldade de acesso a crédito, capacitação e proteção social.

Nos últimos anos, especialmente após os impactos econômicos gerados pela pandemia de Covid-19, o empreendedorismo informal ganhou ainda mais relevância no cenário socioeconômico brasileiro. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a informalidade atinge cerca de 39% da força de trabalho no Brasil, refletindo a persistência de desafios estruturais no mercado de trabalho formal. Esse crescimento da informalidade evidencia que o empreendedorismo informal continua sendo uma alternativa predominante para parcela expressiva da população que busca meios de subsistência frente à precarização das relações de trabalho, ao desemprego e às limitações de acesso a políticas públicas de fomento. Além disso, estudos recentes apontam que, embora a informalidade esteja associada à sobrevivência, ela também representa, para muitos, uma via de desenvolvimento de competências empreendedoras, autonomia financeira e inserção produtiva, sobretudo entre mulheres, que encontram nesse espaço uma possibilidade de conciliar trabalho e responsabilidades familiares (SEBRAE, 2023).

2.2.2 Causas

No contexto da economia informal, muitos indivíduos recorrem ao empreendedorismo como alternativa à exclusão do mercado de trabalho formal. Esse movimento, na maioria das vezes, é impulsionado pela necessidade, decorrente do desemprego estrutural, da informalização crescente das relações de trabalho e da falta de oportunidades no mercado formal, que se acentuaram principalmente após a crise econômica de 2015, a pandemia de Covid-19 e a precarização generalizada do trabalho. Esse cenário reforça a visão de Schumpeter (1982), para quem o empreendedor é aquele que rompe com padrões estabelecidos e busca oportunidades mesmo em condições adversas.

Apesar de, em muitos casos, o empreendedorismo informal ser uma escolha forçada, é possível identificar, sobretudo entre mulheres e populações socialmente vulneráveis, traços de inovação, resiliência e adaptação criativa. Essas mulheres, muitas vezes responsáveis únicas pelo sustento familiar, enfrentam barreiras como a falta de acesso a crédito, educação formal, redes de apoio e políticas públicas efetivas. Ainda assim, são capazes de transformar

atividades domésticas, saberes tradicionais e serviços de proximidade em empreendimentos capazes de gerar renda e fortalecer a economia local (HISRICH; PETERS, 2002).

No cenário atual, marcado pela expansão do trabalho por conta própria, do subemprego e pela insuficiência de políticas públicas efetivas, o empreendedorismo informal surge não apenas como uma escolha, mas como uma necessidade estrutural. A ausência de proteção social, a dificuldade de acesso ao crédito, o aumento do custo de vida e a instabilidade econômica fazem com que milhões de brasileiros recorram à informalidade como única possibilidade de sustento. Segundo dados do IBGE (2023), mais de 39 milhões de brasileiros atuam na informalidade, o que demonstra a relevância desse fenômeno na economia brasileira contemporânea.

2.3 EMPREENDEDORISMO FEMININO

O empreendedorismo feminino reflete a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que está intimamente relacionado à busca por autonomia financeira e igualdade de oportunidade. O desenvolvimento do empreendedorismo feminino pode ser entendido a partir de diferentes contextos históricos e sociais (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2014).

O empreendedorismo feminino tem raízes históricas que remontam ao século XIX e início do século XX, quando as mulheres, muitas vezes limitadas a espaços domésticos, começaram a empreender de maneira informal, com atividades como costura, venda de alimentos e artesanato, geralmente relacionadas ao trabalho doméstico. Após a Segunda Guerra Mundial, com os homens ausentes nas frentes de batalha, as mulheres ocuparam posições no mercado de trabalho formal, e muitas continuaram em busca de independência econômica mesmo após o fim do conflito. Nos anos 1970, o movimento feminista trouxe uma nova perspectiva, desafiando os padrões sociais e lutando pela igualdade de gênero no mercado de trabalho, o que acelerou a criação de negócios liderados por mulheres. Nas décadas seguintes, especialmente nos anos 1980 e 1990, a crescente educação e o descontentamento com as barreiras nas estruturas corporativas impulsionaram ainda mais o empreendedorismo feminino. No século XXI, o fenômeno se consolidou globalmente, com políticas públicas e redes de apoio específicas que estimularam a inserção das mulheres no mundo dos negócios (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2014).

No Brasil, o empreendedorismo feminino tem registrado crescimento expressivo desde a década de 1990, sobretudo com a formalização do microempreendedor individual (MEI) e o

surgimento de programas de apoio às mulheres empreendedoras. Segundo levantamento do Sebrae e da Rede Mulher Empreendedora, aproximadamente 34% dos negócios no país são liderados por mulheres, com maior concentração nos setores de beleza, alimentação, moda e serviços (SEBRAE, 2024). Apesar desse avanço, as mulheres empreendedoras ainda enfrentam desafios significativos, como o acesso limitado a linhas de crédito, a sobrecarga da dupla jornada, a discriminação de gênero e a dificuldade em expandir seus negócios.

Além de serem responsáveis por uma parcela significativa da geração de empregos e movimentação econômica no país, as mulheres empreendedoras exercem papel crucial na transformação social. Estudos recentes mostram que negócios liderados por mulheres tendem a priorizar práticas de gestão mais colaborativas, sustentáveis e voltadas ao desenvolvimento comunitário. Entretanto, os desafios persistem, sobretudo no que diz respeito à profissionalização, acesso à tecnologia, capacitação gerencial e igualdade de condições no mercado. Portanto, fomentar o empreendedorismo feminino significa não apenas estimular a economia, mas também promover desenvolvimento social, redução das desigualdades e fortalecimento da cidadania (PUCRS; GEM, 2021).

2.3.1 Desafios do empreendedorismo feminino

O empreendedorismo pode ser compreendido como a capacidade dos indivíduos de identificar e aproveitar oportunidades de negócio. No Brasil, o termo ganhou maior difusão na década de 1990, com o propósito de incentivar a criação e a sustentabilidade dos pequenos empreendimentos. No contexto feminino, a inserção das mulheres no empreendedorismo ocorre por diversos motivos, como a realização de um sonho, a busca por uma oportunidade ou a necessidade de geração de renda. Esse impulso para empreender, que pode surgir tanto da necessidade quanto da oportunidade, está associado a inúmeros desafios que envolvem a autogestão e a conciliação de diferentes papéis sociais (CINEGLAGLIA et al., 2021).

Observa-se que o empreendedorismo ainda não é amplamente acessível às mulheres de classes sociais mais baixas. Para muitas delas, empreender torna-se uma estratégia de aumento da renda familiar ou, em diversos casos, a principal fonte de sustento. Historicamente, o trabalho feminino foi marcado pela desvalorização. No século XVIII, com o avanço da industrialização e o crescimento das fábricas, as mulheres passaram a exercer atividades fora do lar, porém recebendo salários inferiores aos dos homens. Antes desse período, o papel da mulher estava majoritariamente restrito ao ambiente doméstico, dedicando-se ao cuidado da casa, dos filhos e do marido, dentro de uma estrutura patriarcal

em que o homem era considerado o provedor e chefe da família (CINEGLAGLIA et al., 2021).

Atualmente, observa-se uma presença cada vez mais significativa das mulheres no mercado de trabalho. No empreendedorismo, muitas encontram um espaço de afirmação pessoal e profissional, que lhes permite crescer, desenvolver-se e conquistar autonomia. Essa atuação contribui não apenas para o fortalecimento individual, mas também para o desenvolvimento social, ao gerar impactos econômicos e inspirar outras mulheres. Ainda assim, persistem desigualdades estruturais, como a disparidade salarial entre homens e mulheres, o que evidencia que as conquistas femininas no mercado de trabalho continuam sendo resultado de constantes lutas por reconhecimento e equidade (CINEGLAGLIA et al., 2021).

O ambiente empreendedor no Brasil apresenta-se como um grande desafio, especialmente devido à elevada carga tributária e ao reduzido incentivo destinado aos empreendedores, em especial aos de pequeno porte. Entre os fatores que motivam as mulheres a iniciar um negócio próprio, destacam-se a falta de perspectivas de crescimento em empregos formais e a busca por maior flexibilidade para conciliar as responsabilidades profissionais e familiares. No entanto, essa conciliação muitas vezes se torna exaustiva, resultando na chamada *jornada dupla*, em que o cuidado com os filhos e as tarefas domésticas recaem predominantemente sobre as mulheres, revelando a permanência de uma estrutura social marcada pelo patriarcado (PESQUISA, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO, 2022).

Embora existam desigualdades entre gêneros a mulher pode conquistar o seu espaço de forma eficaz e pode contribuir de forma significativa no desenvolvimento econômico da região e social e deixando que sua essência inspire outras mulheres, pois o empoderamento feminino é uma das ferramentas mais úteis para a transformação da sociedade.

Embora ainda existam desigualdades de gênero, a mulher pode conquistar seu espaço de forma eficaz, contribuindo significativamente para o desenvolvimento econômico e social da região. Além disso, sua atuação inspira outras mulheres, evidenciando que o empoderamento feminino é uma das ferramentas mais importantes para a transformação da sociedade (DA SILVA MELO; NETO DE JESUS, 2018).

2.4 EMPREENDEDORISMO FEMININO NA INFORMALIDADE

A participação das mulheres nos diferentes setores econômicos tornou-se uma realidade consolidada, com sua presença crescendo progressivamente no mercado

empreendedor, fenômeno que reflete a transformação e o rompimento dos paradigmas sociais tradicionais ao longo do tempo.

Nos últimos anos, a presença feminina no empreendedorismo brasileiro tem apresentado crescimento significativo. De acordo com dados atualizados de 2025, as mulheres representam aproximadamente 34,4% dos empreendedores no país, totalizando cerca de 10,3 milhões de negócios liderados por elas. Esse avanço expressivo em relação aos anos anteriores evidencia o fortalecimento do protagonismo feminino no cenário econômico nacional, refletindo mudanças sociais e maior inclusão das mulheres no mercado empreendedor (CARTA CAPITAL, 2025).

Entretanto, grande parte dessas mulheres ainda atua na economia informal, seja por limitações no acesso a recursos financeiros, à formalização dos seus negócios ou devido a barreiras estruturais e sociais que dificultam sua inserção plena no mercado formal. A informalidade, nesse contexto, não apenas representa uma alternativa para a geração de renda, mas também um desafio, pois muitas empreendedoras enfrentam a ausência de proteção legal, dificuldades para acessar crédito e suporte técnico, além da sobrecarga de responsabilidades familiares. Essas condições impactam diretamente na sustentabilidade e no crescimento dos seus empreendimentos (IBGE, 2025).

Além disso, a economia informal feminina está fortemente ligada a setores como comércio ambulante, artesanato, serviços domésticos e pequenos comércios, atividades que demandam flexibilidade para conciliar trabalho e vida pessoal. Apesar das dificuldades, essas mulheres demonstram grande resiliência e criatividade na gestão dos seus negócios, utilizando estratégias de adaptação e redes de apoio comunitário para superar obstáculos. O reconhecimento e o incentivo a esse segmento são essenciais para promover a formalização, melhorar as condições de trabalho e garantir o desenvolvimento socioeconômico dessas empreendedoras (SEBRAE, 2025).

A informalidade, embora desafiadora, pode também representar uma oportunidade para o empreendedorismo feminino, especialmente em contextos onde o mercado formal impõe barreiras significativas. Muitas mulheres encontram na economia informal uma forma de autonomia financeira e empoderamento, pois lhes permite criar seus próprios horários e adaptar as atividades às suas rotinas pessoais e familiares. No entanto, para que esse potencial seja plenamente explorado, é fundamental que políticas públicas sejam direcionadas para o apoio a essas empreendedoras, oferecendo acesso a capacitação, microcrédito e orientação para a formalização (IPEA, 2024).

Nesse sentido, programas governamentais e iniciativas de organizações não governamentais vêm buscando reduzir as desigualdades e facilitar a transição da informalidade para o mercado formal. O fortalecimento das redes de cooperação entre mulheres empreendedoras também tem sido apontado como uma estratégia importante para promover a troca de experiências, a solidariedade econômica e o crescimento coletivo. Dessa forma, o empreendedorismo feminino na informalidade é uma realidade complexa, que envolve desafios estruturais e sociais, mas que também possui grande potencial transformador para a inclusão econômica e social das mulheres no Brasil (IPEA, 2024).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia de pesquisa adotada para a realização deste estudo, que teve como objetivo investigar os fatores que influenciam a permanência de mulheres empreendedoras na economia informal no município de Guarani das Missões - RS.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, exploratória e interpretativa, cujo principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista (Creswell, 2016). O modelo da entrevista baseou-se em um roteiro semiestruturado (Apêndice A), realizada mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), composto por questões abertas que permitiram às participantes discorrer livremente sobre suas experiências, percepções e vivências relacionadas ao fenômeno estudado. As respostas foram posteriormente analisadas à luz das referências teóricas apresentadas na revisão de literatura.

Na pesquisa qualitativa, a noção de qualidade está vinculada ao julgamento e à interpretação do pesquisador sobre o fenômeno estudado. Nessa abordagem, compreende-se que a objetividade se manifesta por meio das qualidades que caracterizam o objeto investigado, sendo a interpretação um processo que ocorre a partir dos dados construídos e expressos em textos. Trata-se, portanto, de um trabalho intersubjetivo que se desenvolve no diálogo lógico-racional entre o pesquisador, o texto, o contexto e os estudos que abordam o objeto investigado (BICUDO, 2021).

Adotou-se, como metodologia, a fenomenologia (Merriam & Tisdell, 2015), cuja escolha decorreu do interesse em compreender o fenômeno estudado a partir das percepções e

significados atribuídos pelas participantes. Essa abordagem mostrou-se adequada para alcançar o objetivo central da pesquisa, permitindo analisar os fatores sociais, econômicos e pessoais que levam as mulheres a empreender, atuar e permanecer na informalidade.

3.2 DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO-ALVO DO ESTUDO

A seleção das participantes ocorreu de forma intencional, considerando critérios de acessibilidade e conveniência. Foram escolhidas mulheres que atuavam como empreendedoras informais no município de Guarani das Missões – RS, desenvolvendo atividades autônomas sem registro formal. A definição da amostra seguiu uma estratégia não probabilística por conveniência, adotada pela facilidade de acesso, disponibilidade das participantes e confirmação de que exerciam suas atividades na informalidade (GIL, 2008).

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Os dados coletados por meio das entrevistas foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, na modalidade temática, conforme a proposta de Gläser e Laudel (2019). Esse método seguiu um processo sistemático dividido em três etapas principais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, seguido da interpretação e inferência dos achados.

A primeira etapa, chamada de pré-análise, foi marcada por uma imersão inicial e cuidadosa no conjunto de dados. Nessa fase, foram realizadas leituras flutuantes que possibilitaram ao pesquisador familiarizar-se profundamente com o material, delimitar com precisão o corpus a ser analisado e definir os objetivos específicos e os critérios que orientaram a análise. Essa etapa preliminar foi essencial para garantir a organização sistemática dos dados e para traçar as estratégias analíticas que direcionaram as fases seguintes (Pinheiro; Silva, 2020).

Na etapa seguinte, chamada de exploração do material, ocorreu o processo de codificação, considerado o núcleo central da análise temática. Nessa fase, o texto foi segmentado em unidades significativas, às quais foram atribuídos códigos rótulos ou categorias que auxiliaram na organização e sistematização dos dados. Esses códigos foram definidos de duas maneiras: de forma dedutiva, com base em referenciais teóricos previamente estabelecidos, e de maneira indutiva, surgindo diretamente das informações contidas no material empírico. Esse procedimento permitiu identificar padrões, regularidades

e relações temáticas, contribuindo para a formação de categorias analíticas que revelaram nuances importantes e a complexidade do fenômeno estudado (Pinheiro; Silva, 2020).

3.3.1 Respondentes da pesquisa

Ao residir no município de Guarani das Missões, surgiu o interesse em conhecer a trajetória das empreendedoras locais, investigar se estavam formalizadas e compreender os motivos que levaram algumas delas a permanecer na informalidade. As quatro participantes da pesquisa foram contatadas diretamente pela pesquisadora, uma vez que ela já possuía conhecimento prévio sobre suas atividades empreendedoras. Esse vínculo facilitou o acesso ao campo empírico, possibilitando o convite à participação no estudo. Após a apresentação dos objetivos da pesquisa e o consentimento das empreendedoras, foi realizada a coleta de dados. Durante as entrevistas, constatou-se que outras duas mulheres atuavam de forma formalizada, informação que não era previamente conhecida. Embora não atendam aos critérios de seleção para compor o grupo principal de participantes, suas entrevistas foram utilizadas para criar um contraponto em relação às demais respondentes, servindo como exemplo do processo de formalização e das condições que possibilitaram essa transição. Dessa forma, as quatro empreendedoras informais permaneceram como grupo central da pesquisa, enquanto as duas formalizadas contribuíram como comparativa para análise.

3.3.2 Realização das entrevistas individuais

O contato inicial com as quatro empreendedoras participantes ocorreu por meio do aplicativo WhatsApp, utilizado para agendar o momento da coleta das respostas, conforme a disponibilidade de cada uma. As entrevistas foram realizadas de forma presencial e online, considerando a conveniência e o acesso das participantes.

Nos encontros presenciais, a pesquisadora apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o roteiro de entrevista, registrando as respostas diretamente, sem necessidade de gravação, visto que o tempo médio de duração foi de aproximadamente 30 minutos.

Quando o contato presencial não foi possível, o TCLE foi enviado por mensagem e as participantes confirmaram a concordância antes do início da entrevista. Nesses casos, foi encaminhado o roteiro (Apêndice A) de entrevista com as perguntas organizadas, e o

acompanhamento ocorreu por meio de mensagens, o que possibilitou à pesquisadora esclarecer dúvidas e garantir a compreensão das questões.

As respostas foram posteriormente organizadas e transcritas em planilha do Microsoft Excel, com o objetivo de sistematizar as informações e facilitar a análise dos dados. As entrevistas foram aplicadas entre outubro e novembro de 2025, com base em um roteiro elaborado a partir de questões fundamentadas na literatura, conforme apresentado no Apêndice A.

A adoção do formato híbrido de aplicação das entrevistas buscou ampliar a participação das empreendedoras, garantindo flexibilidade, acessibilidade e rigor metodológico, sem comprometer a qualidade e a profundidade das informações coletadas.

3.3.3 Limitações da pesquisa

Esta pesquisa apresentou algumas limitações que devem ser consideradas na análise dos resultados. A principal dificuldade enfrentada esteve relacionada à obtenção de participantes, uma vez que, embora o número inicialmente previsto fosse de cinco empreendedoras, apenas quatro aceitaram participar efetivamente do estudo. Essa limitação decorreu, em parte, da disponibilidade restrita das potenciais participantes, bem como da dificuldade de contato e engajamento de mulheres que atuam na economia informal, cujas rotinas são intensas e caracterizadas por horários instáveis, variando conforme as demandas diárias de trabalho e as responsabilidades familiares.

Outra limitação refere-se à abrangência geográfica, pois a pesquisa concentrou-se em um único município Guarani das Missões-RS, o que restringe a generalização dos resultados para outros contextos regionais. Além disso, a realização híbrida das entrevistas (presenciais e online) pode ter influenciado a profundidade das respostas, uma vez que o contato virtual, embora viável, limita a observação de expressões e interações não verbais. Sobre as restrições presentes nas pesquisas sociais, Gil (2019, p. 52) destaca que:

> “Quando, porém, se trata de experimentar com objetos sociais, ou seja, com pessoas, grupos ou instituições, as limitações tornam-se bastante evidentes. Considerações éticas e humanas impedem que a experimentação se faça eficientemente nas ciências sociais, razão pela qual os procedimentos experimentais se mostram adequados apenas a um reduzido número de situações.” (GIL, 2019, p. 52).

Assim, reconhece-se que as limitações são inerentes às pesquisas sociais, especialmente quando envolvem participantes humanas, exigindo cuidados éticos e metodológicos. Apesar dessas restrições, o estudo proporcionou contribuições relevantes para a compreensão do empreendedorismo feminino no contexto da economia informal, evidenciando aspectos significativos das motivações, desafios e significados atribuídos pelas participantes à sua trajetória empreendedora.

3.4 ÉTICA NA PESQUISA

De acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, todos os projetos de pesquisa que envolvam seres humanos, direta ou indiretamente, devem ser submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Diante disso, o presente estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), garantindo que todos os princípios éticos sejam rigorosamente observados antes de sua implementação.

Este estudo é classificado como uma pesquisa de risco mínimo, conforme definição da Resolução nº 466/12, uma vez que não envolve intervenções físicas ou biológicas que possam gerar danos diretos ás participantes. No entanto, reconhece-se que podem ocorrer riscos de natureza emocional e psicológica, especialmente pela possibilidade de as participantes se sentirem desconfortáveis, constrangidas ou sensibilizadas ao relatarem experiências relacionadas às suas trajetórias de vida, dificuldades financeiras, desafios no empreendedorismo ou situações de vulnerabilidade social.

Para minimizar esses riscos, as participantes serão informadas de forma clara e objetiva, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sobre os objetivos da pesquisa, seus direitos, a voluntariedade da participação, a possibilidade de se retirar do estudo a qualquer momento sem prejuízo, bem como sobre o sigilo, anonimato e a confidencialidade dos dados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise dos dados, as entrevistas foram integralmente transcritas e, em seguida, codificadas em categorias com o auxílio do software Microsoft Excel. A definição dos códigos foi orientada pelas questões do roteiro de entrevista, considerando os protocolos previamente estabelecidos para a coleta de dados.

A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2016), constitui um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, aplicável a diferentes tipos de discursos. Essa técnica busca compreender os significados expressos nas falas e superar a simples objetividade das palavras, permitindo uma interpretação mais ampla e profunda dos dados coletados. Assim, possibilita ao pesquisador estabelecer conexões entre as falas das participantes e o referencial teórico, favorecendo um entendimento mais consistente e contextualizado do objeto de estudo (VALLE; FERREIRA, 2025).

O software proporcionou a organização dos arquivos, possibilitando observar padrões durante a análise de conteúdo. Essa análise foi realizada com base nas etapas propostas por Bardin, constituídas em pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Conforme Valle (2025), a análise de conteúdo é um método que permite organizar e interpretar os dados qualitativos de forma sistemática, favorecendo a identificação de categorias e significados presentes nas informações coletadas.

Para compreender os objetivos da presente pesquisa, foram criadas as seguintes categorias: i) Perfil da empreendedora; ii) Motivações para empreender; iii) Características comuns entre empreendedoras e significado de empreendedorismo; iv) Dificuldades e desafios; v) Permanência na informalidade.

4.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram do estudo quatro mulheres empreendedoras atuantes na economia informal de Guarani das Missões – RS. Com o intuito de resguardar suas identidades e garantir a ética na pesquisa, foram utilizadas siglas numéricas para representá-las, sendo designadas como E01, E02, E03 e E04 conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil das empreendedoras

ID	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Filhos	Ramo de atuação	Tempo de atuação no ramo
E01	30	Casada	Ensino Superior Completo	Gestante	Maquiadora; Lash Design	10 anos
E02	57	Viúva	Cursou até a 5ª série do ensino fundamental	Sim	Comércio varejista de alimento; Salgados	6 meses
E03	30	Casada	Ensino Superior Completo	Sim	Criadora de conteúdo	2 anos
E04	21	União estável	Cursando Ensino Superior	Não	Moda Intima; Confecção de lingerie	1 ano e 1 mês

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A faixa etária das participantes compreendia idades de 21, 30 e 57 anos, evidenciando uma diferença geracional entre elas. Observou-se que duas são casadas, enquanto uma é viúva e a outra vive em união estável. Duas empreendedoras têm filhos: uma delas possui filho pequeno e a outra, que é viúva, já tem os filhos adultos. Além disso, uma das participantes encontra-se gestante. Essas mulheres, especialmente as que têm filhos pequenos, demonstram o desejo de passar mais tempo de qualidade com a família, buscando conciliar o trabalho com a vida pessoal e evitar a sobrecarga da dupla jornada. Ao mesmo tempo, todas almejam conquistar independência financeira, e o empreendedorismo surge como um meio para alcançar maior autonomia e equilíbrio entre as dimensões profissional e familiar. Além disso, para aquela que trabalhou a vida toda, o empreendedorismo também representa um novo desafio e uma forma de diversão, simbolizando um recomeço e a oportunidade de vivenciar algo diferente e motivador (SILVA et al., 2021).

A escolaridade das empreendedoras varia desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior incompleto, sendo que a maioria possui o ensino médio completo. As áreas de atuação das empreendedoras incluem principalmente os segmentos de beleza e estética (maquiadora e lash designer), alimentação (comércio varejista de alimentos e salgados), serviços digitais (criação de conteúdo) e moda íntima (confecção de lingerie).

O tempo de atuação das empreendedoras varia de 6 meses a 10 anos. Observa-se que algumas já estão consolidadas em seus ramos, como a E01, que atua como maquiadora há 10 anos, enquanto outras ainda estão em fase inicial de seus negócios, como a E02, que trabalha no comércio varejista de alimentos há apenas 6 meses. Essa diferença de tempo de atuação evidencia distintos estágios de maturidade nos empreendimentos, refletindo trajetórias e

experiências variadas entre as participantes.

Também participou da pesquisa duas empreendedoras já inseridas na economia formal, registrada como Microempreendedora Individual (MEI), identificada como EF01 e EF02 conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Perfil da empreendedora formal

ID	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Filhos	Ramo de atuação	Tempo de atuação no ramo
EF01	36	Solteira	Ensino Superior Completo	Sim	Beleza; Extensão de cílios e sobrancelhas.	3 anos e 8 meses
EF02	42	Casada	Ensino Superior Completo	Sim	Micropigmentadora.	5 anos

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

O Quadro 2 apresenta o perfil das empreendedoras EF01 e EF02, ambas formalizadas como Microempreendedoras Individuais (MEI) e atuantes no ramo da beleza. A empreendedora EF01, com 36 anos, possui formação em nível superior completo e atua com extensão de cílios e sobrancelhas há 3 anos e 8 meses. Já a empreendedora EF02, de 42 anos, também possui ensino superior completo e é micropigmentadora, com 5 anos de experiência no segmento.

As trajetórias dessas empreendedoras evidenciam o papel da formalização como instrumento de fortalecimento do desenvolvimento socioeconômico local e de valorização do trabalho feminino. Além de contribuírem para a economia formal de Guarani das Missões, suas experiências servem de exemplo e inspiração para outras mulheres, demonstrando que a formalização pode representar um caminho para a autonomia financeira, o reconhecimento profissional e o empoderamento feminino. Conforme destacam Silva et al. (2021), o empreendedorismo feminino atua como uma estratégia de emancipação e transformação social, promovendo autoestima e estimulando a inserção produtiva das mulheres no mercado.

4.2 MOTIVAÇÕES PARA EMPREENDER

O Quadro 3 apresenta as principais motivações que levaram as participantes da pesquisa a empreender, revelando diferentes trajetórias e contextos pessoais.

A análise das respostas evidencia que as motivações para empreender estão fortemente relacionadas à busca por autonomia, independência financeira e realização pessoal. As participantes demonstram o desejo de “ser dona do próprio negócio” e “fazer sua própria

renda", associando o ato de empreender à liberdade de decisão e à valorização do próprio trabalho (CINEGLAGLIA et al., 2021).

Quadro 3 - Motivações para empreender

Aspectos investigados	Fala das empreendedoras
Motivações iniciais	"De ser dona do meu próprio negócio, fazer minha própria renda"; "Me ocupar em casa"; "Percebendo que o salário do nosso comércio é pouco para uma boa qualidade de vida e buscando o melhor para mim e minha família, optei por procurar algo que teria um melhor rendimento salarial e foi nessa área que achei e investi nisso"; "Me inspirei na minha mãe, que me ensinou a costurar."
Experiência como empreendedora	"Desafiadora, mas gratificante"; "A independência é o melhor"; "É bem desafiador, por muitas vezes dá vontade de desistir, mas com disciplina e motivação contínuo, pois sei que será algo que vai melhorar minha vida."
O que fazia antes de empreender	"Trabalhava com CLT"; "Trabalhava em serviços gerais no hospital de Guarani das Missões"; "Era vendedora em ótica."
Razões para manter o negócio	"Não ser mandada por ninguém e ter todo o dinheiro pra mim"; "Pra não ficar parada"; "Baixo custo."
Como lida com as dificuldades	"Tento inovar em algo"; "Tento sempre ver pelo lado bom, caso não consiga fazer algo, deixo para outro dia ou outra hora."
Percepções sobre o empreendedorismo	"Sim, a comunicação com as mulheres, a troca de conversa, a autoestima, tudo vale a pena"; "A satisfação das clientes"; "Sempre trabalho quando minha filha está tirando as sonecas, pois cuido dela em tempo integral e tenho oito horas na semana livres para me dedicar exclusivamente ao trabalho."

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

As falas evidenciam ainda que, mesmo diante dos desafios, as empreendedoras percebem o empreendimento como fonte de satisfação, superação e empoderamento,

valorizando o reconhecimento das clientes, o contato humano e a possibilidade de contribuir com a renda familiar. Esse conjunto de motivações confirma o que destacam Chiavenato (2007) e Amorim e Batista (2012) ao afirmarem que o empreendedorismo feminino pode surgir tanto por necessidade quanto por oportunidade, sendo movido pelo desejo de suprir carências econômicas, sociais e psicológicas. Nesse sentido, Silva et al. (2021) reforça que o empreendedorismo feminino representa não apenas uma estratégia econômica, mas também uma forma de emancipação e fortalecimento da autoestima, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social das mulheres.

> "[...]eu não estava satisfeita trabalhando na minha área de formação, analisei as áreas de carência na minha cidade e a partir daí surgiu a ideia de empreender." (EF01).

> "[...] infelizmente não consegui emprego aqui na cidade, e tentei buscar de outra
> forma" (E04).

As falas das empreendedoras evidenciaram que as motivações para empreender estão diretamente associadas às suas necessidades pessoais e contextuais.

O empreendedorismo feminino pode ser compreendido como a iniciativa em que as mulheres assumem o papel de conduzir o próprio negócio, contribuindo para o aumento das receitas locais e para o desenvolvimento econômico de suas comunidades. Além disso, configura-se como uma estratégia de enfrentamento das dificuldades socioeconômicas, sendo frequentemente utilizado como alternativa diante do desemprego, como ocorreu com a participante E04, ou como uma oportunidade de inovação e realização pessoal, a exemplo da participante EF01, que identificou uma carência em seu município e decidiu empreender após não se sentir satisfeita atuando em sua área de formação. De modo geral, essas mulheres também percebem o empreendedorismo como um meio de alcançar independência financeira (RODRIGUES et al., 2021).

Pode-se observar que a motivação das participantes está relacionada às suas necessidades pessoais, sendo o que move essas empreendedoras justamente aquilo que supre suas carências e necessidades. As razões econômicas, sociais e psicológicas são destacadas como fatores determinantes nesse processo (CHIAVENATO, 2007). Tanto para aquelas que empreendem por necessidade, utilizando o empreendedorismo como um meio de obter renda

diante da falta de outras opções, o que as move é suprir suas necessidades e garantir o sustento próprio e da família (AMORIM; BATISTA, 2012).

Dessa forma, as respostas das participantes confirmam o que apontam os autores, ao evidenciar que o empreendedorismo feminino é frequentemente impulsionado pela busca por autonomia, estabilidade financeira e melhores condições de vida, seja por escolha ou por necessidade.

4.3 CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICADO DO EMPREENDEDORISMO

Nesta categoria, buscou-se compreender como as participantes da pesquisa concebem o empreendedorismo e quais características consideram essenciais para o perfil empreendedor.

As respostas revelam percepções diversas e complementares sobre o significado de ser empreendedora, como se observa nas falas a seguir:

> "[...]ser independente" (E01).
>
> "[...]ter liberdade"(E02).
>
> "É uma mulher que transforma oportunidades em realidades, mesmo que seja muito difícil, ela é persistente e inovadora" (E04).

A fala da empreendedora E01 reflete o que destacam Amorim e Batista (2012), ao afirmarem que muitas mulheres não buscam apenas alcançar novos objetivos de vida, mas também se libertar de situações incômodas e conquistar autonomia, encontrando no empreendedorismo uma forma de dirigir seus próprios negócios de maneira independente.

A fala da empreendedora E04, ao afirmar que "é uma mulher que transforma oportunidades em realidades, mesmo que seja muito difícil; ela é persistente e inovadora", evidencia características associadas ao empreendedorismo oportunista, conceito abordado por Amorim (2012).

Segundo a autora, o empreendedor oportunista detém um nível mais elevado de conhecimento e está em constante busca de informações, demonstrando visão de futuro, capacidade de estabelecer metas e foco em resultados, sendo, por isso, considerado inovador. Essa concepção se reflete na experiência da participante, que enxerga no ato de empreender não apenas uma alternativa de renda, mas também um processo criativo e transformador, pautado na superação das dificuldades e na construção de novas oportunidades.

Já a percepção da empreendedora E02, que associa o empreendedorismo à liberdade e à capacidade de gerir o próprio trabalho, dialoga com o pensamento de Chiavenato (2004), ao

ressaltar que o verdadeiro espírito empreendedor não se limita apenas à criação de um negócio, mas envolve a habilidade de lidar com pessoas, clientes e desafios diários. Essa perspectiva é reforçada pela fala da empreendedora E04, que compartilha uma experiência prática sobre as dificuldades de gestão e relacionamento com clientes:

> "No começo tive um pouco dificuldade quanto ao pagamento de clientes, então percebi que era muito difícil lidar com pessoas, e há necessidade de se ter um conhecimento muito grande quanto a gestão de pessoas, pra saber a melhor forma de responder um cliente, principalmente em momentos que as pessoas não são gentis[...]" E04.

As falas demonstram que o empreendedorismo feminino é compreendido não apenas como uma atividade econômica, mas como um processo de autonomia, aprendizado e superação, no qual as mulheres desenvolvem habilidades de gestão, persistência e inovação para alcançar seus objetivos e garantir sua independência pessoal e financeira.

4.4 DIFICULDADES E DESAFIOS

Nesta categoria, buscou-se identificar e compreender as principais dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras participantes, considerando aspectos como a condição de informalidade, a conciliação entre vida pessoal e profissional, a instabilidade financeira e os desafios decorrentes do preconceito e da desvalorização. As falas revelam que, embora o empreendedorismo represente uma oportunidade de autonomia e geração de renda, ele também está permeado por barreiras estruturais e sociais que impactam diretamente a trajetória dessas mulheres.

Uma das questões apontadas diz respeito à concorrência entre as próprias mulheres, como observado na fala da participante:

> "Desvalorização não, mas concorrência entre as próprias mulheres" E01.

Essa observação reflete um desafio relacional dentro do próprio universo feminino, em que a rivalidade e a falta de cooperação dificultam a criação de redes de apoio entre empreendedoras. De acordo com Cineglaglia et al. (2021), apesar do avanço do empreendedorismo feminino, ainda existem barreiras de reconhecimento e de solidariedade, muitas vezes reforçadas por padrões culturais e pela disputa por espaço em um ambiente de

negócios historicamente masculino.

A fala da participante E04 evidencia que seu ingresso no empreendedorismo foi marcado pela falta de conhecimento sobre gestão e sobre as demandas práticas do negócio, mesmo com o apoio inicial da formação acadêmica.

> "[...]no começo eu não tinha muita noção sobre o que era empreender a faculdade me deu uma baita ajudada sobre isso, não entendi muito bem ainda sobre a especificação compra com fornecedores, e principalmente como lidar com as pessoas" E04.

Essa realidade dialoga diretamente com o que afirmam Da Silva Melo e Neto de Jesus (2018), ao destacarem que mulheres empreendedoras enfrentam vulnerabilidades decorrentes da ausência de políticas públicas de suporte, da falta de garantias trabalhistas e das dificuldades de acesso a crédito. As autoras explicam que a informalidade intensifica as incertezas do negócio, gerando instabilidade econômica e emocional. A insegurança de E04 sobre lidar com fornecedores e com pessoas ilustra esse cenário, reforçando como a falta de apoio estruturado contribui para que o processo de empreender seja atravessado por desafios adicionais.

A conciliação entre o trabalho e a vida pessoal também aparece como um dos maiores desafios enfrentados. A participante relatou:

> "As dificuldades seria ter tempo pra tudo, é preciso ter uma organização muito boa e mesmo assim às vezes não é possível evitar imprevistos, para achar o equilíbrio eu sempre mantenho muito focado em tudo que eu estou fazendo mas sem perder a minha qualidade de vida, tento conciliar " E04.

> "Algo bem complicado. Mas tento me organizar da melhor forma. Tenho babá duas vezes na semana e nos outros dias trabalho quando a nenê dorme e levanto mais cedo" E03.

Essas falas refletem a sobrecarga das mulheres que acumulam funções produtivas e reprodutivas, tentando equilibrar as demandas do lar e do trabalho. Conforme aponta o estudo publicado na Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento (2022), o empreendedorismo feminino, apesar de possibilitar flexibilidade de horários, frequentemente resulta em jornadas duplas e desgaste físico e mental, pois as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos.

Outro obstáculo evidenciado nas falas é o desrespeito e o assédio, especialmente vivenciado por mulheres que atuam em ramos associados ao público feminino. A empreendedora E04 relata:

> "[...]por eu vender peças íntimas femininas já recebi muitos homens mal intencionados me fazendo propostas absurdas nas minhas redes sociais, além da falta de respeito de alguns também" E04.

Esse depoimento expõe o machismo e o preconceito ainda presentes na sociedade, que se manifestam inclusive no ambiente de trabalho. Cineglaglia et al. (2021) reforçam que as empreendedoras enfrentam não apenas desafios econômicos, mas também barreiras simbólicas, ligadas ao gênero, que afetam sua credibilidade, segurança e bem-estar.

As experiências relatadas demonstram que o empreendedorismo feminino continua sendo atravessado por obstáculos relacionados à falta de reconhecimento, instabilidade, sobrecarga e desigualdade de gênero. Tais desafios confirmam as observações de Amorim e Batista (2012), segundo as quais o ato de empreender, para muitas mulheres, surge como alternativa à exclusão e à necessidade de sustento, mas é marcado por dificuldades estruturais que limitam seu crescimento e autonomia plena. Assim, percebe-se que, apesar de as empreendedoras expressarem força, persistência e capacidade de adaptação, suas trajetórias ainda são moldadas por um contexto social que impõe barreiras adicionais ao sucesso feminino no mundo dos negócios.

4.5 PERMANÊNCIA NA INFORMALIDADE

Os trabalhadores, muitas vezes excluídos ou prejudicados pelas dinâmicas do mercado de trabalho formal, acabam recorrendo ao mercado informal como alternativa para garantir uma fonte de renda. Nessas condições, enfrentam instabilidade financeira, sem a garantia de uma renda fixa mensal, lutando diariamente pela subsistência. Com o intuito de reduzir o número de pessoas atuando na informalidade, foi criada a figura do Microempreendedor Individual (MEI), instituída pela Lei Complementar nº 128/2008, que oferece facilidades e benefícios aos pequenos empreendedores, como a simplificação dos processos de formalização e a redução de custos tributários (SILVA et al., 2018).

As respostas das empreendedoras revelam percepções distintas quanto à intenção de formalizar o negócio, indicando que o processo de formalização é influenciado por fatores

pessoais, estruturais e pelo nível de conhecimento sobre o tema. As falas a seguir exemplificam essas percepções:

> "Ainda não formalizei, porque não tem contador que entenda disso aqui em nossa cidade" E03.

> "Primeiro preciso me estruturar bem, até porque penso em trabalhar somente com vendas on-line, para isso eu preciso achar fornecedores e entender um pouco mais sobre as plataformas digitais, Além de que como eu estou estudando e pratico outras atividades fica meio difícil e complicado conciliar as duas coisas pois é necessário muita responsabilidade " E04.

Percebe-se, portanto, que a formalização do negócio ainda representa um desafio para algumas empreendedoras, seja pela falta de orientação técnica, pela insegurança em relação à gestão do empreendimento ou pela ausência de apoio institucional. Essa realidade reflete limitações estruturais comuns em municípios de pequeno porte, onde o acesso a serviços especializados é restrito.

4.5.1 Vantagens e desvantagens da informalidade

A análise das entrevistas indica que as empreendedoras percebem tanto vantagens quanto desvantagens na atuação informal, especialmente em função do estágio inicial de seus negócios e das condições de trabalho. Entre as vantagens, destaca-se a possibilidade de iniciar a atividade de forma mais flexível, com menor burocracia e custos reduzidos. Essa condição permite que as empreendedoras testem o mercado, conheçam melhor seu público e ganhem confiança antes de formalizar o empreendimento.

Uma das participantes afirma:

> "[...]vejo vantagens no começo porque primeira é necessário você estudar o seu mercado e terá confiança em um plano de como você quer prosseguir, e tentar testar, fazer dar certo e depois passar por formalidade, pois a formalidade tem muita ajuda, por exemplo o CNPJ permite que você faça compras com descontos maiores mais crédito e fretes menores" E04.

Essa fala evidencia uma percepção estratégica da informalidade, compreendida como uma etapa de aprendizado e experimentação que antecede a consolidação formal do negócio.

Por outro lado, também foram apontadas desvantagens relacionadas à ausência de benefícios e de segurança social. A outra participante reconhece:

> "Desvantagens, pelos benefícios que não tenho se acontecer algo em relação à saúde." (E03).

Conforme Cineglaglia et al. (2021), o empreendedorismo feminino informal reflete um equilíbrio entre necessidade e autonomia, no qual a busca por flexibilidade convive com a insegurança decorrente da falta de proteção institucional. Da mesma forma, Silva et al. (2018) destacam que a informalidade é frequentemente percebida como uma alternativa temporária, motivada por barreiras de acesso à formalização, mas que acarreta limitações no crescimento e na estabilidade do negócio.

Desse modo, observa-se que a informalidade oferece benefícios imediatos, como liberdade, flexibilidade e baixo custo de entrada, mas impõe desvantagens significativas no longo prazo, especialmente no que se refere à ausência de garantias e de suporte em situações imprevistas. Assim, as percepções das entrevistadas reforçam a necessidade de políticas públicas que conciliem a simplificação dos processos de formalização com o incentivo à capacitação e à segurança das mulheres empreendedoras.

4.5.2 Motivos da permanência na informalidade

A análise das entrevistas evidencia que a permanência na informalidade está relacionada a fatores estruturais e pessoais que limitam o processo de formalização. As empreendedoras relatam dificuldades em conciliar o negócio com outras responsabilidades, como estudos, trabalho e cuidados familiares, o que reduz o tempo e a energia disponíveis para dedicar-se à regularização e ao crescimento da atividade. Além disso, surgem desafios ligados ao desconhecimento sobre plataformas digitais e à busca por fornecedores confiáveis, o que demonstra uma carência de capacitação e de apoio técnico voltado ao público feminino.

> "Primeiro preciso me estruturar bem, até porque penso em trabalhar somente com vendas on-line, para isso eu preciso achar fornecedores e entender um pouco mais sobre as plataformas digitais, Além de que como eu estou estudando e pratico outras atividades fica meio difícil e complicado conciliar as duas coisas pois é necessário muita responsabilidade" E04.

> "Apenas contador" E03.

Esses relatos reforçam que a informalidade, para muitas mulheres, não decorre de uma falta de interesse em se formalizar, mas de limitações concretas impostas por sua realidade socioeconômica. Em alguns casos, a atuação informal é percebida como uma etapa inicial, utilizada para testar o mercado e adquirir experiência antes de assumir as responsabilidades burocráticas e financeiras associadas à formalização.

Conforme discutem Da Silva Melo e Neto de Jesus (2018), a trajetória das mulheres empreendedoras é marcada por desafios que vão desde o acúmulo de funções até a dificuldade de acesso a informações e políticas de incentivo. Essa sobrecarga, somada à falta de tempo e de apoio institucional, contribui para que muitas optem por permanecer na informalidade como forma de manter maior flexibilidade e autonomia. De forma semelhante, Silva et al. (2021) destacam que o empreendedorismo feminino, especialmente em contextos de vulnerabilidade, é frequentemente motivado por necessidades pessoais e pela busca de independência financeira, mesmo que isso implique atuar à margem das exigências legais.

Dessa forma, observa-se que a permanência na informalidade não deve ser interpretada como desinteresse ou despreparo, mas como uma estratégia adaptativa diante de condições desiguais e da conciliação de múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres empreendedoras. Essa estratégia também reflete a busca por autonomia e autenticidade, valores que permeiam o comportamento de algumas participantes, as quais rejeitam padrões impostos pela sociedade e preferem construir um modelo de negócio alinhado às suas realidades e convicções pessoais.

Assim, a análise indica que a permanência na informalidade é resultado de uma combinação entre restrições estruturais como falta de tempo, apoio e conhecimento técnico e motivações subjetivas como desejo de liberdade e autogestão. Essa compreensão reforça a importância de políticas públicas e programas de capacitação que considerem as especificidades das mulheres empreendedoras, proporcionando condições reais para a formalização e o fortalecimento de seus empreendimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Mulheres Empreendedoras e a Permanência na Economia Informal: Um Estudo em Guarani das Missões – RS”, buscou investigar a complexa jornada do empreendedorismo na informalidade, analisando os fatores que levam mulheres a permanecer atuando nesse contexto, um fenômeno socioeconômico de

crescente relevância, especialmente em realidades regionais específicas. A questão central que guiou essa pesquisa foi: “Quais são os motivos que levam mulheres de Guarani das Missões - RS a empreender na economia informal e os fatores que influenciam sua permanência?”. Por meio de uma abordagem qualitativa, descritiva, exploratória e interpretativa, fundamentada em entrevistas semiestruturadas e na análise de conteúdo, buscou-se compreender os motivos que levaram essas mulheres a tomar tal decisão.

A relevância deste estudo reside na capacidade de dar visibilidade a uma parcela da população economicamente ativa frequentemente invisibilizada, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das realidades locais e para a formulação de políticas públicas mais assertivas.

Ao longo da investigação, os objetivos propostos foram sistematicamente abordados e alcançados, conforme detalhado a seguir.

O primeiro objetivo visava “Identificar os motivos que levam as mulheres de Guarani das Missões – RS a começarem um empreendimento informal”. Este objetivo foi plenamente atingido através das narrativas coletadas. As evidências revelaram que o ingresso na informalidade ocorre, sobretudo, como alternativa diante das limitações e barreiras impostas pelo mercado de trabalho formal, marcado pela falta de oportunidades e pela necessidade de garantir alguma fonte de renda. Além disso, as falas das participantes demonstraram que fatores estruturais como a ausência de orientação técnica adequada, a dificuldade de acesso a serviços especializados e a falta de apoio institucional também influenciam a decisão de iniciar o negócio fora da formalidade.

Em seguida, o segundo objetivo buscou “Investigar os principais desafios enfrentados por mulheres empreendedoras informais de Guarani das Missões – RS”. As narrativas evidenciaram que essas mulheres enfrentam um conjunto diverso de dificuldades que atravessam tanto a dimensão estrutural quanto a pessoal. Entre os desafios mais recorrentes estão a falta de conhecimento sobre gestão e práticas básicas do negócio, a escassez de apoio técnico e institucional, a instabilidade financeira e os obstáculos impostos pela própria condição de informalidade. As falas também revelaram barreiras de ordem social, como a concorrência entre mulheres, o machismo, o desrespeito e a desvalorização, que impactam diretamente sua confiança e segurança.

O terceiro objetivo propõe-se a “Compreender as motivações que levam essas mulheres a permanecer na informalidade no contexto de Guarani das Missões – RS”. As narrativas evidenciaram que a permanência na informalidade não está ligada à falta de interesse em se formalizar, mas sim a limitações estruturais e pessoais que dificultam esse

processo. As empreendedoras relataram desafios como a necessidade de conciliar o negócio com estudos, trabalho e cuidados familiares, a falta de conhecimento técnico sobre plataformas digitais, a dificuldade em encontrar fornecedores confiáveis e a ausência de apoio especializado, fatores que reduzem a capacidade de investir tempo e recursos na regularização do empreendimento. Além disso, algumas participantes percebem a informalidade como uma fase inicial, utilizada para testar o mercado antes de assumir custos e responsabilidades burocráticas.

Por fim, o quarto objetivo é "Analisar as formas de organização e estratégias utilizadas pelas mulheres empreendedoras informais para manter seus negócios no município de Guarani das Missões – RS" e os resultados demonstraram que essas empreendedoras mobilizam diferentes práticas para conciliar trabalho, família e gestão do empreendimento. As falas revelaram que a organização do tempo é uma estratégia central, estruturada a partir da rotina familiar e das demandas do cuidado. Algumas participantes relataram trabalhar apenas nos períodos em que os filhos estão na escola ou dormindo, enquanto outras contam com apoio parcial, como babá em dias específicos, para conseguir se dedicar ao negócio. A criação de rotinas e ferramentas de planejamento como planilhas no Excel, cadernos de anotações e agendas semanais aparece como recurso importante para manter o controle das atividades, definir prioridades e garantir que o empreendimento continue funcionando mesmo diante da sobrecarga de responsabilidades. Além disso, as empreendedoras destacam que buscam equilibrar trabalho, autocuidado e convivência familiar, mostrando que a manutenção do negócio só é possível quando articulada com práticas que preservem seu bem-estar.

As contribuições desta pesquisa se mostram amplas e significativas. No âmbito acadêmico, o estudo preenche uma lacuna na literatura sobre o empreendedorismo feminino informal em contextos regionais específicos do Brasil, oferecendo uma perspectiva qualitativa e interpretativa que aprofunda a compreensão do fenômeno para além das análises macroeconômicas. Ao focalizar o município de Guarani das Missões, RS, esta investigação apresenta dados empíricos relevantes que podem subsidiar estudos comparativos e fortalecer a construção de teorias contextualizadas sobre a informalidade e o empreendedorismo feminino. No plano prático, o trabalho oferece um panorama detalhado das vivências, desafios e estratégias adotadas por mulheres empreendedoras informais, fornecendo subsídios essenciais para a atuação de formuladores de políticas públicas, organizações não governamentais e instituições de apoio ao empreendedorismo. Os resultados apresentados podem orientar a criação de programas de capacitação, iniciativas de acesso a crédito e ações de incentivo à formalização alinhadas às necessidades reais desse público, contribuindo para um

desenvolvimento mais inclusivo e equitativo.

Reconhece-se, contudo, as limitações inerentes ao estudo. O caráter qualitativo, aliado ao recorte geográfico restrito ao município de Guarani das Missões, RS, limita a possibilidade de generalização dos resultados para outras regiões ou contextos. A amostra, embora adequada à profundidade proposta por um estudo de caso, não permite extrapolações estatísticas. Apesar disso, tais limitações não reduzem a relevância e a riqueza dos achados, que se mostram fundamentais para compreender o fenômeno em sua especificidade e complexidade.

Com base nos resultados obtidos, tornou-se possível identificar caminhos relevantes para aprofundar o tema em investigações futuras. Estudos quantitativos poderiam validar e ampliar as evidências encontradas, permitindo analisar, em uma escala mais ampla, a prevalência dos fatores que influenciam a permanência na informalidade. Da mesma forma, análises comparativas com outros municípios do Rio Grande do Sul ou de diferentes estados brasileiros possibilitariam identificar especificidades locais e padrões regionais. Pesquisas longitudinais também se apresentam como uma alternativa pertinente, ao permitir acompanhar a trajetória das empreendedoras ao longo do tempo e avaliar os efeitos de políticas públicas, programas de capacitação e mudanças socioeconômicas. Além disso, investigar de forma mais aprofundada as redes de apoio formais e informais, bem como os impactos de iniciativas de formalização voltadas especificamente para mulheres, constitui um caminho promissor para ampliar a compreensão sobre o empreendedorismo feminino na informalidade.

REFERÊNCIAS

A METODOLOGIA DE PESQUISA: metassíntese qualitativa. **Reflexão e Ação**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 204–220, 2017. DOI: 10.17058/rea.v25i3.9731. Disponível em: https://seer.unisc.br/index.php/reflex/article/view/9731. Acesso em: 4 nov. 2025.

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento**. Núcleo de Pesquisa da FINAN, v. 3, n. 3, p. 1–14, 2012. Acesso em: 5 nov. 2025.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A lógica da pesquisa qualitativa e os modos de procedimentos nela fundados. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 9, n. 22, p. 540–552, 2021. DOI: 10.33361/RPQ.2021.v.9.n.22.507. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/507. Acesso em: 3 nov. 2025.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; LOMBARDI, Maria Rosa. Mulheres, trabalho e família. **Difusão de Ideias**. Disponível em:< http://www. fcc. org. br/conteudosespeciais/difusaoideias/pdf/materia_mulheres_trabalho_e_familia. pdf>. Acesso em, v. 29, 2014. Acesso em: 19 jun. 2025.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. O paraíso da realização do indivíduo: a ditadura dos mercados. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, n. 3, p. 22–30, 1998. Disponível em: https://www.sep.org.br/artigo/o-paraiso-da-realizacao-do-individuo-a-ditadura-dos-mercados/. Acesso em: 19 jun. 2025.

CARTA CAPITAL. **Empreendedorismo feminino bate recorde no Brasil e redefine o papel das mulheres na economia**. 2025. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/do-micro-ao-macro/empreendedorismo-feminino-bate-recorde-no-brasil-e-redefine-o-papel-das-mulheres-na-economia/. Acesso em: 19 jun. 2025.

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. Barueri: Manole, 2004.

CINEGLAGLIA, Maria Natalina et al. **Desafios do empreendedorismo feminino**. LexCult: Revista Eletrônica de Direito e Humanidades, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 59–76, dez. 2021. DOI: 10.30749/2594-8261.v5n3p57-74. Disponível em: https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/544. Acesso em: 3 nov. 2025.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W.; POTH, Cheryl N. **Qualitative inquiry & research design: choosing among five approaches.** 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2016.

DA SILVA MELO, Marta Regina; NETO DE JESUS, Djanires Lageano. Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades no cenário turístico de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.21680/2357-8211.2018v6n1ID12375. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/12375. Acesso em: 3 nov. 2025.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

DORNELAS, José. **Introdução ao empreendedorismo.** São Paulo: Empreende Editora, 2018.

FALCÃO, Joaquim. Empreendedorismo de necessidade no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 42, n. 5, p. 875–894, 2008. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6729. Acesso em: 19 jun. 2025.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2017.

FIUZA, Nayara das Mercês Lúcio et al. **Educação empreendedora para mulheres: estudo de caso do curso online "Empreenda como uma Mulher"**. Extensão em Foco, [S. l.], n. 30, 2023. DOI: 10.5380/ef.v0i30.84287. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/84287. Acesso em: 4 nov. 2025.

GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres e trabalho: desigualdades de gênero no mercado informal.** 2023. Disponível em: https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-trabalho. Acesso em: 23 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GLASER, Jochen et al. **A descoberta de mecanismos causais: análise qualitativa de conteúdo extrativa como ferramenta para rastreamento de processos.** Fórum Pesquisa Social Qualitativa, 2019.

HARVEY, David. **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2005.

HIRATA, Helena et al. **As novas configurações da informalidade no trabalho das mulheres.** Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 37–52, 2003. Acesso em: 23 abr. 2025.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. 10. ed. São Paulo: AMGH, 2017.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: mercado de trabalho – indicadores trimestrais, 4º trimestre de 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 19 jun. 2025.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: mercado de trabalho – informalidade. Rio de Janeiro: IBGE, 2023**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 19 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua: principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil – 2012 a 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicil

ios_continua/Principais_destaques_PNAD_continua/2012_2023/PNAD_continua_retrospectiva_2012_2023.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Empreendedorismo feminino e economia informal: desafios e perspectivas. Brasília, 2024**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, M. C.; SILVA, R. T. **Permanência de mulheres na informalidade: análise de fatores socioeconômicos e competências empreendedoras. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 11, n. 4, p. 55–70, 2022. Disponível em: https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/2257. Acesso em: 21 abr. 2025.

LOPES, J. C.; SOUZA, M. R. Mulheres empreendedoras na economia informal: desafios e estratégias de sobrevivência. **Revista Administração em Diálogo**, v. 22, n. 2, p. 45–60, 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/48076. Acesso em: 21 abr. 2025.

MCCLELLAND, David C. **A sociedade realizadora.** Princeton, NJ: Van Nostrand, 1961.

MELO, Hildete Pereira de; MORANDI, Lucilene. PIB per capita: análise de sua distribuição entre mulheres e homens no Brasil, 1991-2015. **Revista de Economia Contemporânea,** v. 25, n. 1, 2021. DOI: 10.1590/198055272501202. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rec/a/YHttqf5JZqzJtNdtzVC9B8L/. Acesso em: 16 jun. 2025.

MINISTÉRIO DAS MULHERES (Brasil). **Relatório RASEAM – Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – 2024. Brasília: MMulheres, 2024.** Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/observatorio-brasil-da-igualdade-de-genero/raseam/ministeriodasmulheres-obig-raseam-2024.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

MORGAN, Gareth; SMIRCICH, Linda. **The case for qualitative research. Academy of Management Review,** v. 5, n. 4, p. 491–500, 1980.

OLIVEIRA, Andressa Somogy de; CASTRO, Carla Appollinario de; SANTOS, Hudson Silva dos. Empreendedorismo e precarização do trabalho: reflexões sobre o discurso da autonomia no Brasil. **Revista de Administração da UFSM,** v. 14, n. 2, p. 353–370, 2021.

OLIVEIRA, M. C.; MARTINS, A. L. Empreendedorismo feminino e informalidade: um estudo sobre as causas e consequências da permanência no setor informal. **Revista Brasileira de Empreendedorismo e Inovação**, v. 6, n. 1, p. 88–102, 2020.

PATTON, Michael Quinn. **Pesquisa qualitativa e métodos de avaliação: integrando teoria e prática**. São Paulo: Sage, 2014.

PEREIRA, F. C.; SANTOS, A. P.; MEDEIROS, R. L. Competências empreendedoras em mulheres que atuam na economia informal brasileira. **Revista REMIPE**, v. 13, n. 1, p. 20–35, 2021.

PINHEIRO, M. A. M.; SILVA, T. A. da. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho**

científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUCRS; GEM. **Empreendedorismo feminino no Brasil: motivações, barreiras e impacto econômico.** Porto Alegre: PUCRS, 2021.

RIBEIRO, Luis Fernando. Motivação e empreendedorismo informal: um olhar sobre a economia popular. **Revista de Estudos Sociais**, v. 15, n. 1, p. 45–61, 2020.

RODRIGUES, Ariele Silva Moreira et al. **Fatores críticos relacionados ao empreendedorismo feminino.** Espacio Abierto, v. 30, n. 1, p. 75-96, 2021. Acesso em: 13 nov. 2025.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Empreendedorismo feminino no Brasil: relatório técnico.** Brasília, 2023.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino cresce e já representa 34% dos negócios no Brasil.** Brasília: SEBRAE, 2024.

SILVA, Brenda Cruz da et al. **Empreendedorismo feminino. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2021**. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/6043/6/TCC_BrandaSilva.pdf. Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA, J. M. da et al. Motivações para a permanência na informalidade: percepção de trabalhadores por conta própria do camelódromo de Porto Velho – RO. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 9, n. 2, p. 718–726, 2018. DOI: 10.31072/rcf.v9i2.597.

TAVARES, Maria da Conceição. **Desenvolvimento econômico: a experiência brasileira**. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

TIMMONS, Jeffry A.; SPINELLI, Stephen. **New venture creation: entrepreneurship for the 21st century**. 8. ed. New York: McGraw-Hill, 2009.

TISDELL, Elizabeth J.; MERRIAM, Sharan B.; STUCKEY-PEYROT, Heather L. **Pesquisa qualitativa: um guia para design e implementação**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2025.

VALLE, Paulo Roberto Dias. Análise de conteúdo: método, técnicas e aplicações na pesquisa qualitativa. **Educação em Revista**, v. 41, e265233, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur. Acesso em: 4 nov. 2025.

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

Quadro 2 - Roteiro da Entrevista

Parte 1 - Perfil da empreendedora
Empreendedora: Idade: Estado Civil: Escolaridade: Filhos: Sim ( ) Não ( ) Quantos:
Parte 2 - Motivações para empreender
1. Você poderia descrever qual é o seu negócio? a. Qual o ramo de atividade do seu empreendimento? b. Há quanto tempo você atua na área? c. Se um dia tem 24 horas, quantas horas você se dedica no seu empreendimento? d. Se o dia tem 24 horas, quantas horas você se dedica a sua família? e. Se um dia tem 24 horas, quantas horas você se dedica a você?
2. Quais foram os fatores que motivaram a abertura do negócio?
3. Como foi o planejamento para abertura do negócio?
4. Quais características ou sentimentos pessoais foram determinantes para você querer empreender?
5. Quais são as razões que te levam a manter o seu negócio?
6. Como você se imagina em 5 anos?
7. Como você imagina o seu negócio em 5 anos?
Parte 3 - Características comuns entre empreendedores e significado de empreendedorismo
8. Em sua opinião, o que é ser empreendedora?
9. Como o fato de ser empreendedora se relaciona com a capacidade de inovar? Explique. a. Você se considera uma pessoa que inova? Por quê?
10. Quais tipos de comportamentos você julga necessários a uma empreendedora?
11. Quais características suas te ajudam a ser uma empreendedora?
12. Quais comportamentos ou características relacionadas ao empreendedorismo você acha que precisa ainda desenvolver?

Parte 4 - Dificuldades e desafios
13. Você já percebeu algum tipo de desvalorização ou barreira durante sua carreira profissional pelo fato de ser mulher? Poderia explicar melhor?
14. Como ocorreu a obtenção de recursos financeiros para abrir o seu negócio? Quais foram suas dificuldades?
15. Quais as consequências que a devoção ao empreendimento traz para sua vida?
16. Como você lida em relação à administração do seu tempo?
17. Quais foram as dificuldades relacionadas a aspectos profissionais?
18. Qual é a colaboração por parte dos membros da família no negócio?
19. Qual é a colaboração por parte dos membros da família nas atividades domésticas? a. Você se sente sobrecarregada?
20. Quais são as dificuldades em separar a sua vida pessoal da profissional e como você tenta achar o equilíbrio?
Parte 5 - Permanência na informalidade
21. Você já pensou ou tentou formalizar seu negócio? Por que não formalizou até hoje?
22. Quais são os motivos que fazem você permanecer na informalidade?
23. Você vê vantagens ou desvantagens na informalidade? Quais?

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

____TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/ UFFS

Mulheres Empreendedoras e a Permanência na Economia Informal - Um Estudo em Guarani das Missões RS

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "**Mulheres Empreendedoras e a Permanência na Economia Informal - Um Estudo em Guarani das Missões RS",** desenvolvida por Gabriela Biesek Avila, discente de graduação em Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* de Cerro Largo, sob orientação do Professor Me. Fabricio Costa de Oliveira. O objetivo central é verificar os fatores que influenciam a permanência de mulheres empreendedoras na economia informal, identificando os desafios e motivações que contribuem para essa permanência.

Esta pesquisa se justifica pela importância de compreender o papel da economia informal no Brasil, especialmente no que tange ao empreendedorismo feminino, visto que essa parcela significativa da população absorve grande parte da força de trabalho excluída do mercado formal. Investigar as vivências das mulheres na informalidade é fundamental para reconhecer suas estratégias de resistência e criatividade diante das desigualdades de gênero e socioeconômicas, além de contribuir para a formulação de políticas públicas mais inclusivas. Assim, o estudo busca ampliar o conhecimento sobre essa realidade invisibilizada, valorizando a contribuição econômica e social dessas mulheres para o desenvolvimento do país.

O convite à participação nesta pesquisa se justifica pelos benefícios decorrentes da ampliação do conhecimento sobre a economia informal feminina e seu impacto no desenvolvimento socioeconômico do país. Os participantes contribuirão para revelar experiências e desafios vivenciados por mulheres que atuam na informalidade, possibilitando a formulação de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às suas necessidades específicas. Além disso, a pesquisa oferece subsídios teóricos que fortalecem futuras investigações sobre gênero, trabalho e desigualdade, promovendo reflexões capazes de valorizar e ampliar a autonomia das mulheres no contexto do trabalho não formalizado.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar ao pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder algumas perguntas de um roteiro de entrevista semiestruturado. O tempo de duração para responder o instrumento de pesquisa será de aproximadamente 30 (trinta) minutos.

Autorização para gravação: ( ) Sim ( ) Não

A sua participação na pesquisa poderá causar risco de constrangimento ao responder as perguntas, e para evitar que isso venha a ocorrer, haverá total sigilo, e o participante não será identificado. Caso o participante se sinta constrangido com algum dos questionamentos, pode optar por não respondê-lo.

A devolutiva dos resultados desta pesquisa será por meio de arquivo em PDF do Trabalho de Curso disponível no repositório digital da Universidade Federal da Fronteira Sul, no site: <https://rd.uffs.edu.br/>. Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação!

Cerro Largo, 11 de agosto 2025

_____

Me. Fabricio Costa de Oliveira
Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:
Tel: 55 – 3359-4602 E-mail: fabricio.oliveira@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Rua Jacob Reinaldo Haupenthal, 1580, Bairro São Pedro, Bloco A. CEP 97900-000. Cerro Largo- RS- Brasil.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.
Nome completo do (a) participante:
Assinatura: _____

Caso queira receber os resultados deste estudo via e-mail, deixe seu contato:

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS: Tel e Fax- (0XX) 49- 2049-3745. E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br <http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg>

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899, Chapecó - Santa Catarina – Brasil